

GARTH RISK HALLBERG

# Cidade em chamas

*Tradução*

Caetano W. Galindo

Copyright © 2015 by Garth Risk Hallberg

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

City on Fire

*Capa*

Claudia Espínola de Carvalho

*Ilustração de capa*

Celso Koyama

*Preparação*

Camila von Holdefer

*Revisão*

Jane Pessoa

Ana Maria Barbosa

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Hallberg, Garth Risk

Cidade em chamas / Garth Risk Hallberg ; tradução Caetano  
W. Galindo. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

Título original: City on Fire.

ISBN 978-85-359-2704-7

1. Ficção norte-americana I. Título.

16-01171

CDD-813

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/ciadasletras](https://twitter.com/ciadasletras)

# Sumário

Prólogo, 15

LIVRO I Fomos apresentados ao inimigo, e ele somos nós, 19  
**INTERLÚDIO OS NEGÓCIOS DA FAMÍLIA, 167**

LIVRO II Cenas da vida privada, 185  
**INTERLÚDIO OS FOGUETEIROS, PRIMEIRA PARTE, 325**

LIVRO III Liberty Heights, 347  
**INTERLÚDIO A IMPOSSIBILIDADE  
DA MORTE NA MENTE DE ALGUÉM AGORA VIVO, 569**

LIVRO IV Mônadas, 597  
**INTERLÚDIO PONTE E TÚNEL, 709**

LIVRO V O Irmão Demoníaco, 729  
**INTERLÚDIO "PROVA", 813**

LIVRO VI Três tipos de desespero, 817  
**INTERLÚDIO OS FOGUETEIROS, SEGUNDA PARTE, 855**

LIVRO VII No escuro, 877  
**PÓS-ESCRITO ESTA CIDADE,  
QUE NÃO CONTEMPLAR SERIA COMO A MORTE, 1029**

Agradecimentos, 1037

Uma nota sobre as fontes, 1039

Agradecimentos adicionais, 1041

Créditos das imagens, 1043

## Prólogo

Em Nova York você pode conseguir que te entreguem de tudo em casa. Pelo menos é por esse princípio que eu me guio. É o meio do verão, o meio da vida. Estou num apartamento que de resto está deserto, na West 16th Street, ouvindo o zumbido tranquilo da geladeira no cômodo ao lado, e apesar de ela só conter uma meia barra mesozoica de manteiga que o pessoal que está me hospedando deixou para trás quando se mandou para a praia, dentro de quarenta minutos posso comer basicamente tudo que me der vontade. Quando eu era novo — mais novo, eu devia dizer —, dava até para pedir drogas pelo telefone. Uns cartões de visitas com um número de área de Manhattan e aquela palavrinha isolada, *entregas*, ou, na maioria das vezes, alguma bobajada sobre massagens terapêuticas. Não posso acreditar que um dia eu tenha esquecido isso.

Ao mesmo tempo, agora a cidade é outra, ou as pessoas querem outras coisas. Os arbustos que encobriam as transações na Union Square desapareceram, assim como os telefones públicos que você usava para ligar para o traficante. Ontem à tarde, quando fui até lá para dar uma volta, tinha uns dançarinos modernos fazendo uma bagunceira em câmera lenta embaixo das árvores revitalizadas. Famílias sentadinhas em ordem nuns cobertores, com uma luz cor de vinho. Eu ficava vendo essas coisas em tudo, arte



pública que era difícil de distinguir da vida pública, carros pintados com bolinhas parados em ponto morto na Canal, bancas de revistas embrulhadas como pacotes de presentes. Como se os próprios sonhos pudessem ser dispostos como opções no cardápio das experiências possíveis. Mas o que é estranho é que essa racionalização de todo e qualquer desejo, o excesso do que é essa cidade atual de excessos, acaba na verdade te lembrando que o que você realmente quer não é alguma coisa que você vá achar *lá fora*.

O que eu, pessoalmente, ando querendo, desde que cheguei há seis semanas, é sentir a minha cabeça de um certo jeito. Na época, eu não teria conseguido dizer isso com todas as letras, mas agora acho que é alguma coisa parecida com a sensação de que as coisas ainda podem mudar a qualquer momento.

Um dia fui um filho nativo daqui — saltador de catracas, furador de lixeiras, inquilino improvisado de casas de desconhecidos no centro da cidade — e essa sensação era o pano de fundo da minha vida. Hoje, quando ela vem, vem só em relances. Ainda assim, eu tinha concordado em cuidar deste apartamento aqui até setembro, torcendo pra isso ser o bastante. Ele tem o formato de um bloco de empilhar de algum jogo primitivo de video game: quarto e sala na frente, aí a copa e o quarto principal, com a cozinha se projetando que nem uma cauda. Enquanto me bato com esses comentários iniciais sentado à mesa de jantar, o crepúsculo está se aprofundando do outro lado das janelas altas, fazendo os cinzeiros e os documentos empilhados na minha frente parecerem ser de outra pessoa.

Só que, de longe, o meu lugar preferido é lá depois da cozinha e da portinha dos fundos — uma varanda, sobre umas colunas tão altas que isso aqui até podia parecer Nantucket. Tábuas de um verde de banco de praça e, embaixo delas, um carpete de folhas que caem de dois ginkgos esbeltos. “Quintal” é a palavra que fica se insinuando para mim, apesar de que “poço de ar” também poderia servir; altos prédios de apartamentos cercam aquele espaço onde ninguém consegue entrar. Os tijolos brancos do outro lado da rua estão descascando, e nas noites em que estou disposto a abandonar de vez o meu projeto, acabo indo até ali para ver a luz subir e ficar mais suave enquanto o sol desce por mais um céu sem chuva. Deixo o meu telefone vibrar no bolso e fico olhando as sombras de galhos tentarem alcançar aquela distância azul em que o rastro de um jato, cada vez mais gordo, passeia à



toa. As sirenes e os ruídos do trânsito e dos rádios flutuam vindo das avenidas como lembranças de sirenes e ruídos de trânsito e de rádios. Por trás das janelas de outros apartamentos, TVs vão sendo ligadas, mas ninguém se dá ao trabalho de baixar as persianas. E eu começo a sentir mais uma vez que as fronteiras que até aqui delimitaram a minha vida — entre passado e presente, fora e dentro — estão se dissolvendo. Que algo ainda me pode ser entregue.

Não há nada aqui neste quintal, afinal, que não estivesse aqui em 1977; talvez não seja este ano, mas aquele, e tudo que se segue ainda esteja por vir. Talvez um coquetel molotov esteja riscando as trevas, talvez um jornalista de uma revista qualquer esteja correndo por um cemitério; talvez a filha do fogueteiro continue sentadinha num banco coberto de neve, mantendo sua solitária vigília. Pois se as pistas apontam para alguma coisa, é que não existe uma Cidade única, una. Ou, se existe, ela é a soma de milhares de variações, todas disputando o mesmo lugar na corrida. Isso pode ser só a manifestação do meu desejo; ainda assim, não consigo deixar de imaginar que os pontos de contato entre este lugar e a minha própria cidade perdida não cicatrizaram direito, deixaram as marcas que eu tateio quando ergo os olhos pelas saídas de incêndio rumo ao quadro azul da liberdade mais além. E você lá fora: de alguma maneira você não está aqui comigo? Quer dizer, quem é que ainda não sonha com um mundo diferente deste aqui? Quem entre nós — se isso quer dizer abandonar a insanidade, o mistério, a beleza totalmente inútil de um milhão de Nova Yorks um dia possíveis — está sequer disposto a desistir da esperança?

LIVRO I

# FOMOS APRESENTADOS AO INIMIGO, E ELE SOMOS NÓS

*Dezembro de 1976-janeiro de 1977*

*A vida na colmeia encarquilhou a minha noite;  
o beijo da morte, o abraço da vida.*

Television, “Marquee Moon”

Uma árvore de natal subia a 11th Avenue. Ou, melhor, tentava; depois de ter se enroscado num carrinho de supermercado que alguém tinha deixado no meio da faixa de pedestres, ela estremecia e se arrepiava e arfava, prestes a irromper em chamas. Ou era o que parecia para Mercer Goodman enquanto ele se esforçava para salvar o topo da árvore da sucata torta do carrinho. Tudo naqueles dias estava *prestes*. Do outro lado da rua, marcas de fuligem conspurcavam a doca de carga onde os malucos locais faziam fogueiras à noite. As putas que ficavam ali tomando sol de dia agora assistiam através das lentes dos óculos de sol baratinhos, e por um segundo Mercer ficou extremamente preocupado com a sua própria aparência: um negro quatro-olhos com roupa de veludo cotelê fazendo o que podia para andar de ré, enquanto lá na outra ponta da árvore um branquelo de cabelo desgrenhado com uma jaqueta de motociclista tentava dar puxões no tronco sem nem ligar para o carrinho. Aí o sinal mudou de NÃO ANDE para ANDE, e miraculosamente, por alguma combinação de puxa-e-empurra, eles estavam livres de novo.

“Eu sei que você está de saco cheio”, Mercer disse, “mas será que dava pra não exagerar?”

“Eu estava exagerando?”, William perguntou.



“As pessoas estão olhando.”

Como amigos, e até como vizinhos, eles eram uma dupla improvável, o que pode ter sido o motivo que levou o cara que vendia as árvores dos Escoteiros ali no terreno perto do acesso do Lincoln Tunnel a hesitar tanto para pôr a mão no dinheiro deles. Era por isso também que Mercer nunca ia poder convidar William para conhecer a sua família — e por isso que eles tinham, agora, que comemorar o Natal por conta própria. Dava para ver só de olhar para eles, o burguês de pele escura e truncado, o moleque claro e mirrado: o que é que podia ter atado esses dois um ao outro, além do poder oculto do sexo?

Foi William quem escolheu a maior árvore que ainda restava no terreno. Mercer tinha insistido para ele considerar o quanto o apartamento já estava entupido, isso para nem falar da meia dúzia de quadras que os separavam de lá, mas era assim que William ia castigá-lo por querer uma árvore, para começo de conversa. Ele tinha puxado duas notas de dez do rolo que guardava no bolso e anunciado de forma sardônica, e alto o suficiente para o cara das árvores poder ouvir: *Eu pego no pau, então*. Agora, entre o vapor que lançava a cada respiração, ele acrescentou: “Você sabe... Jesus ia ter mandado nós dois pro lago de fogo. Está lá no... em algum lugar do Levítico, acho. Eu não entendo qual é a de ter um Messias que te manda pro inferno”. Testamento errado, Mercer podia ter objetado, além do fato de eles não pecarem juntos há semanas, mas era imprescindível não morder a isca. O Chefe Escoteiro estava só uns cem metros atrás deles, no fim de uma trilha de espinhos.

Gradualmente as quadras iam ficando vazias. Hell’s Kitchen naquela hora se reduzia basicamente a terrenos baldios e chassis de carros queimados e um ou outro pedinte de semáforo. Era como se uma bomba tivesse explodido, deixando só os párias, o que deve ter sido o principal fator que atraiu William Hamilton-Sweeney para a região, perto do fim dos anos 60. A bem da verdade, uma bomba *tinha* explodido, poucos anos antes de Mercer se mudar para lá. Um grupo com uma daquelas siglas violentas que ele nunca conseguia lembrar tinha explodido um caminhão na frente da última fábrica ativa, abrindo caminho para mais lofts vagabundos. O prédio deles, numa outra encarnação, foi uma fábrica de balinhas da marca Knickerbocker. De certa maneira, pouco havia mudado: a passagem de comercial

a residencial tinha sido improvisada, talvez ilegalmente, e deixou um resíduo industrial pulverizado, como que cravado entre as tábuas dos pisos. Por mais que você esfregasse, restava um enjoativo aroma de hortelã.

O elevador de carga estava quebrado de novo, ou ainda, e custou meia hora levar a árvore cinco lances de escada acima. A seiva sujou toda a jaqueta de William. As telas dele tinham migrado para o estúdio no Bronx, mas de algum modo o único espaço para a árvore era em frente à janela da área de estar, onde seus galhos tapavam o sol. Mercer, antecipando isso, tinha arrumado provisões para dar uma animada nas coisas: luzes de prender na parede, um enfeite para o pé da árvore, um litro de batida não alcóolica de gemada. Ele deixou tudo no balcão, mas William desabou no futon, comendo as balinhas que ficavam na tigela, com a gata dele, Eartha K., empoleirada, toda cheia de si, no seu peito. “Pelo menos você não comprou um presépio”, ele disse. Doeu, em parte porque Mercer estava bem naquele momento fuçando embaixo da pia para ver se achava os bonequinhos dos reis magos que Mamãe tinha enviado na última caixa de lembranças.

Mas o que ele encontrou ali foi a pilha de cartas, pilha que podia jurar que tinha deixado largada bem à vista em cima do aquecedor de manhã. Normalmente Mercer não teria aguentado uma coisa dessas — ele não conseguia passar por uma das bolas de pelo de Eartha sem ir pegar a pazinha de lixo —, mas um certo envelope ainda fechado estava ali apodrecendo havia uma semana entre o segundo e o terceiro avisos de cobrança da Companhia de Cartões Americard Cartões, redundância *sic* mesmo, e ele esperava que hoje pudesse ser o dia em que William finalmente prestaria atenção na sua presença ali. Ele reembaralhou a pilha mais uma vez para o envelope ficar por cima. Largou tudo de novo sobre o aquecedor. Mas seu namorado já estava levantando para jogar a gemada em cima da maçaroca das balinhas verdes, como algum cereal matinal futurista. “Café da manhã dos campeões”, ele disse.

O negócio é que William era meio que um gênio quando se tratava de não perceber o que não queria perceber. Outro exemplo conveniente: hoje, Véspera de Natal de 1976, era dia de comemorar os dezoito meses da chegada de Mercer a Nova York, vindo da cidadezinha de Altana, na Geórgia. Ah, mas eu conheço Atlanta, as pessoas costumavam lhe assegurar, com

uma condescendência toda alegrinha. *Não*, ele corrigia — *Al-tan-a* — mas depois acabou deixando para lá. A simplicidade era mais fácil que a precisão. Até onde o pessoal de casa sabia, ele tinha ido para o norte a fim de dar aula de inglês no segundo ano da Wenceslas-Mockingbird School para meninas no Greenwich Village. Por baixo disso, claro, estava sua ardente ambição de escrever o Grande Romance Americano (ainda ardente, se bem que por razões diferentes). E por baixo *disso*... bom, o jeito mais simples de explicar seria dizer que ele tinha conhecido um certo alguém.

O amor, como Mercer até então o tinha entendido, envolvia vastos campos gravitacionais de dever e desaprovação que esmagavam os envolvidos, transformando até conversinhas à toa numa tentativa desesperada de conseguir respirar. Agora lhe aparecia essa pessoa que era capaz de deixar de atender às ligações dele por semanas a fio sem sentir a mais remota necessidade de pedir desculpas. Um caucasiano que rodopiava pela 125th Street como se fosse dono do lugar. Um sujeito de trinta e três anos de idade que ainda dormia até as três da tarde, mesmo depois que os dois passaram a viver juntos. A determinação de William de fazer exatamente o que quisesse, quando quisesse, de início foi uma revelação. Era possível, subitamente, separar o amor da sensação de *obrigação*.

Só que mais recentemente começou a parecer que o preço da libertação era uma recusa a olhar para trás. William só falava da sua vida pré-Mercer nos termos mais vagos: o período de dependência de heroína no começo dos anos 70, que tinha deixado nele aquela insaciável fome de doces até hoje; as pilhas de pinturas que ele se recusava a mostrar para Mercer ou a qualquer pessoa que pudesse comprar; a banda de rock implodida cujo nome, *Ex Post Facto*, ele tinha riscado com o arame de um cabide nas costas da jaqueta de motociclista. E a família? Silêncio absoluto. Por muito tempo Mercer não tinha nem compreendido que William era um *daqueles* Hamilton-Sweeney, o que era mais ou menos como ser apresentado a Frank Tecumseh Sherman e não pensar em perguntar sobre algum parentesco com o General.\* William ainda gelava toda vez que alguém mencionava a Companhia Hamilton-Sweeney na frente dele, como se tivesse acabado de achar

\* Referência a William Tecumseh Sherman, um dos líderes da Guerra Civil Americana. (N. T.)

uma unha na sopa e estivesse tentando tirá-la sem chamar a atenção dos companheiros de mesa. Mercer dizia a si mesmo que o que ele sentia não teria mudado nadinha se William fosse um zé-ninguém ou um Dinkelfelder. Ainda assim, era difícil não ter alguma curiosidade.

E isso foi antes do Espetáculo Inter-Religioso das Escolas Primárias, no começo do mês, que o Diretor Acadêmico praticamente exigiu que todos os professores prestigiassem. Com quarenta minutos de apresentação, Mercer estava tentando se distrair com a infindável lista do elenco quando um nome lhe saltou aos olhos. Ele correu um dedo sobre as palavras na fraca luz do auditório: Cate Hamilton-Sweeney Lamplighter (Coro Infantil). Ele normalmente lidava com o ginásio — com vinte e quatro anos de idade, era o professor mais jovem ali, e o único afro-americano além de tudo, e as crianças menores pareciam vê-lo como um zelador bem vestido — mas depois dos aplausos ele procurou uma colega que dava aula para o jardim de infância. Ela indicou um grupinho de ecumênicas criaturinhas perto da porta do palco. Aquela “Cate” aparentemente era uma delas. Isto é, uma das alunas dela. “E por acaso você sabe se tem algum William na família dela?”

“Will, o irmão, você quer dizer? Ele está na quinta ou na sexta série, acho, numa escola lá no centro. Eles aceitam meninas, não sei por que não mandam a Cate pra lá também.” A colega pareceu se conter. “Por que você queria saber?”

“Ah, por nada”, ele disse, se virando para sair dali. Era exatamente o que ele tinha imaginado: um equívoco, uma coincidência, coisa que ele já estava fazendo o possível para esquecer.

Mas não foi Faulkner quem disse que o passado não era nem mesmo passado? Semana passada, no último dia do semestre, depois que a última retardatária entre as bolsistas havia entregado a prova final, uma mulher branca e de aparência nervosa tinha se materializado à porta da classe dele. Tinha aquela coisa das mães atraentes — só a saia provavelmente custava mais que todo o guarda-roupa de Mercer —, mas era mais do que isso o que a fazia parecer familiar, ainda que ele não conseguisse atinar direito. “Posso ajudar?”

Ela comparou o papelzinho que tinha na mão com o nome dele na porta. “Sr. Goodman?”

“Eu mesmo.” Ou *Eu próprio*? Difícil dizer. Ele pôs as mãos sobre a



mesa e tentou parecer inofensivo, como tinha o costume de fazer quando lidava com as mães.

“Eu não sei como fazer isso com jeitinho. Cate Lamplighter é minha filha. A professora dela mencionou que o senhor teve algumas dúvidas depois do espetáculo da semana passada.”

“Ah, nossa...” Ele corou. “Foi uma confusão. Mas, por favor, me desculpe qualquer...” E aí ele viu: o queixo pontudo, os olhos azuis espantados. Ela podia ser um William mulher, só que com cabelo castanho em vez de preto, e penteado num corte curto, reto e simples. E, claro, a roupa elegante.

“O senhor andou perguntando sobre o tio da Cate, eu acho, que foi de onde veio o nome do irmão dela. Não que ele fosse saber disso, já que nunca conheceu o sobrinho. O meu irmão. William Hamilton-Sweeney.” A mão que ela estendeu, em contraste com a voz, era firme. “O meu nome é Regan.”

Cuidado, Mercer pensou. Aqui na Mockingbird, um cromossomo Y já era uma vulnerabilidade e, apesar de tudo que disseram quando o contrataram, ser negro também era. Navegando entre a Cila do demais e a Caribde do quase, ele tinha se esforçado muito para projetar uma assexualidade recolhida. Até onde seus colegas soubessem, ele morava apenas na companhia dos livros. Ainda assim, saboreou o nome dela entre os dentes. “Regan.”

“Posso perguntar qual seria o seu interesse no meu irmão? Ele não lhe deve dinheiro ou alguma coisa assim, por acaso?”

“Ah, não, imagina. Nada disso. Ele... é um amigo. Eu só não sabia que ele tinha uma irmã.”

“Nós não estamos exatamente em bons termos. Não nos falamos há anos. A bem da verdade, nem sei como encontrar o meu irmão. Desculpe o abuso, mas será que eu podia deixar isso aqui com o senhor?” Ela se aproximou para colocar alguma coisa na mesa, e enquanto se afastava, uma dorzinha vibrou dentro dele. Do meio do imenso oceano silente que era o passado de William, um mastro surgira, apenas para singrar de volta rumo ao horizonte.

Espera aí, ele pensou. “Na verdade eu estava indo pegar um cafezinho. Você aceita?”

No rosto dela ainda restava um desconforto, ou uma tristeza, algo abstrato mas dominante. Ela realmente era muito impressionante, apesar de

meio magra. Em geral os adultos, quando tristes, pareciam se dobrar para dentro e envelhecer e ficar repulsivos; talvez fosse alguma coisa adaptativa, para ir gerando aos poucos uma raça superior de hominídeos emocionalmente inabaláveis, mas, se fosse isso, o gene tinha pulado esses Hamilton-Sweeney. “Não dá”, ela disse finalmente. “Tenho que levar as crianças para a casa do pai delas.” Ela indicou o envelope. “Mas se o senhor puder, se você vir o William antes do Ano-Novo, dar isso para ele, e dizer que... dizer que eu preciso dele lá este ano.”

“Precisa dele onde? Desculpa. Não é problema meu, obviamente.”

“Foi um prazer falar com o senhor, sr. Goodman.” Ela se deteve na porta. “E não se preocupe com as circunstâncias. Eu estou feliz por ele ter alguém.”

Antes de ele ter tempo de lhe perguntar o que ela estava insinuando, ela já havia desaparecido. Ele foi quietinho até o corredor para vê-la se afastar, saltos estalando nos quadrados iluminados das lajotas. Foi então que ele olhou para o envelope lacrado nas mãos. Não tinha selo, só uma mancha de corretivo líquido onde devia estar o endereço e uma caligrafia apressada que dizia *William Hamilton-Sweeney III*. Ele não sabia que havia um algarismo romano.